



Estimativa do Tráfico de Aves Silvestres no Distrito Federal, Brasil

Filipe Martins Neves¹ & Eleonora D'Avila Erbesdobler²

Recebido em 23/06/2020 – Aceito em 17/11/2020

¹ Secretaria de Estado de Educação/SEEDF, Brasília/DF, Brasil. <filipemartins.vet@gmail.com>.

² Centro Universitário do Planalto Central/UNICEPLAC, Brasil. <eleonora.erbesdobler@faciplac.edu.br>.

RESUMO – O Brasil possui uma das mais diversas avifaunas do mundo, entretanto bastante ameaçada. O bioma Cerrado não foge dessa realidade. Uma das principais ameaças às aves brasileiras é o tráfico de animais silvestres. O objetivo deste estudo foi estimar o tráfico de aves silvestres no Distrito Federal. Os dados utilizados referem-se às aves entregues, de 2013 a 2015, ao Centro de Triagem de Animais Silvestres do IBAMA da região. Registraram-se 7541 aves no total, 165 espécies e 22 ordens. Predominaram as ordens Passeriformes (67,7%) e Psittaciformes (19,5%), o mesmo observado em âmbito nacional. As espécies com maiores registros foram: *Sicalis flaveola* (1725), *Sporophila nigricollis* (713), *Saltator similis* (392), *Brotogeris chiriri* (382), *Gnorimopsar chopi* (340) e *Amazona aestiva* (311). Registrou-se 12 (7,2%) espécies em risco de extinção, destacando: *Sporophila maximiliani* (122), *Crax fasciolata* (41) e *Penelope superciliaris* (25), estas em perigo crítico. Somente três espécies endêmicas foram registradas, demonstrando a raridade dessas aves. O registro de espécies não restritas ao Cerrado e de outros biomas abastecendo o tráfico da região ressaltam a importância do Distrito Federal como rota do tráfico de animais silvestres no país, corroborando com estudos anteriores. As informações levantadas neste estudo geram estimativa que colabora para a disseminação de dados a respeito do tráfico de aves silvestres no Distrito Federal e mostra a triste e persistente problemática do tráfico de animais silvestres na região e no Brasil.

Palavras-chave: Animais silvestres; aves ameaçadas; biodiversidade; conservação.

Estimate of Wild Birds Illegal Trade in Federal District, Brazil

ABSTRACT – Brazil has one of the most diverse avifauna in the world, however it is very threatened. The Cerrado biome does not escape from this reality. One of the main threats to Brazilian birds is the illegal wildlife trade. The objective of this study was to estimate the illegal wild birds trade in the Federal District of Brazil. The data used refer to delivered birds, from 2013 to 2015, at the IBAMA Wild Animal Screening Center in the analyzed region. In total, there were 7541 birds registered, 165 species and 22 orders. Passeriformes (67.7%) and Psittaciformes (19.5%) orders predominated, the same observed at the national level. The highest records species were: *Sicalis flaveola* (1725), *Sporophila nigricollis* (713), *Saltator similis* (392), *Brotogeris chiriri* (382), *Gnorimopsar chopi* (340) and *Amazona aestiva* (311). There were 12 (7.2%) species at risk of extinction. *Sporophila maximiliani* (122), *Crax fasciolata* (41) and *Penelope superciliaris* (25) are species in critical danger. Only three endemic species were registered, demonstrating the rarity of these birds. The presence of bird species which are not restricted to the Cerrado biome supplying the wildlife trade in the region reveals the importance of the Federal District as an illegal trade route of wild animals in the country, corroborating with previous studies. The information collected in this study creates an estimate that contributes to make the illegal wild birds trade data public in the Federal District and prove the sad and persistent problem of wild animal traffic in the region and in Brazil.

Keywords: Wild animals; endangered birds; biodiversity; conservation.

Estimación del Tráfico Ilegal de Aves Silvestres en el Distrito Federal, Brasil

RESUMEN – Brasil cuenta con una de las avifaunas más diversas del mundo, si bien se encuentra bastante amenazada. El bioma del Cerrado no es ajeno a esta realidad. Una de las principales amenazas para las aves brasileñas es el tráfico de animales silvestres. El objetivo de este estudio fue

estimar el tráfico de aves silvestres en el Distrito Federal. Los datos utilizados hacen referencia a las aves enviadas al Centro de Cribado de Animales Silvestres del IBAMA de la región entre 2013 y 2015. Se registraron un total de 7541 aves, 165 especies y 22 órdenes. Predominaron los órdenes Passeriformes (67,7 %) y Psittaciformes (19,5 %), las mismas que se observaron a escala nacional. Las especies con un mayor número de registros fueron: *Sicalis flaveola* (1725), *Sporophila nigricollis* (713), *Saltator similis* (392), *Brotogeris chiriri* (382), *Gnorimopsar chopi* (340) e *Amazona aestiva* (311). Se registraron 12 (7,2 %) especies en peligro de extinción, entre las que destacan, dada su condición crítica: *Sporophila maximiliani* (122), *Crax fasciolata* (41) e *Penelope supercilialis* (25). Solo se registraron tres especies endémicas, lo que demuestra la rareza de estas aves. El registro de especies no exclusivas del Cerrado y otros biomas que abastecen el tráfico de la región pone de relieve la importancia del Distrito Federal como ruta para el tráfico de animales silvestres en el país, lo que corrobora estudios anteriores. La información recopilada en este estudio ha permitido generar estimaciones que contribuyen a la difusión de datos sobre el tráfico de aves silvestres en el Distrito Federal y muestra el trágico y persistente problema del tráfico de animales silvestres en la región y en Brasil.

Palabras clave: Animales silvestres; aves en peligro de extinción; biodiversidad; conservación.

Introdução

O Brasil possui uma das mais diversas avifaunas do mundo, com um número de 1.903 espécies reconhecidas até 2014 (ICMBio, 2018). Entretanto, o país também possui um total de 234 táxons oficialmente ameaçados, dos quais 160 são endêmicos (ICMBio, 2018). Um dos grandes responsáveis por esses números é o tráfico de animais silvestres, considerado o terceiro maior negócio ilícito do mundo (Renctas, 2001) e a segunda causa de redução populacional de várias espécies nativas (Lacava *et al.*, 1995).

No Brasil, estima-se que anualmente 38 milhões de animais silvestres sejam capturados para o tráfico (Renctas, 2001), embora poucos chegam a ser comercializados. Devido à alta mortalidade, de cada dez animais retirados do seu ambiente natural somente um resiste e para cada produto animal comercializado três espécimes são mortos (Prado, 2012). Um dos principais grupos afetados pelo tráfico é o das aves. Estima-se que mais de quatro milhões de aves são retiradas da natureza por ano no Brasil e comercializadas ilegalmente, onde cerca de 60% são destinadas ao comércio interno e o restante para o mercado internacional da Europa, Ásia e Estados Unidos (Renctas, 2001).

O tráfico de animais silvestres é um problema que se espalha por todo o território brasileiro, em todos os setores da sociedade, com diversas ramificações e interligações com outras atividades ilegais, dificultando ainda mais o seu controle. Segundo Hernandez & Carvalho (2006), o tráfico não somente está repleto de emaranhados de rotas

para o escoamento de animais no interior do país, mas também para o exterior. As regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil abastecem, por meio terrestre ou fluvial, o tráfico nacional e internacional, para o último destaca-se as cidades fronteiriças do Norte, Centro-Oeste e Sul, assim como os portos e aeroportos localizados nas regiões Norte, Nordeste e Sudeste (Destro *et al.*, 2012).

Embora o Brasil possua desde 1967 legislações de proteção à fauna, inicialmente com a Lei nº 5.197 de Proteção à Fauna Brasileira (Brasil, 1967), que estabelece que todos os animais da fauna silvestre nacional e seus produtos são de propriedade do Estado, sendo proibida a caça, captura, comercialização e posse sem a devida autorização. Atualmente, o país é amparado também pela Lei de Crimes Ambientais, Lei nº 9.605 de 1998 e o Decreto nº 6.514 de 2008, que traz o agravamento das sanções quando o crime é praticado contra espécies ameaçadas de extinção (Garcia & Marini, 2006).

A fiscalização geralmente ocorre mediante um delito, onde autua o infrator e apreende os animais, sendo esta realizada pelos órgãos competentes em âmbito Municipal, Estadual e Federal, tendo o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) como principal órgão regulador e executor de políticas públicas e fiscalizatórias do meio ambiente no Brasil (Efe *et al.*, 2006). Os animais apreendidos num primeiro momento são alojados, alimentados e recebem cuidados médicos veterinários, principalmente para a recuperação dos maus tratos e ao estresse a que



foram submetidos. Em seguida, são incluídos em programas de manutenção e/ou reprodução em cativeiro para futura soltura ou reintrodução (Gonçalves & Wasko, 2013). Nos casos em que a soltura dos animais não é realizada imediatamente, a maioria das vezes, os animais são encaminhados aos Centros de Triagem de Animais Silvestres (Cetas), administrados pelo IBAMA a partir de suas superintendências estaduais, ou mesmo para zoológicos, criadouros comerciais e científicos, onde passam por identificação, tratamento, triagem e destino adequados (Efe *et al.*, 2006). O Cetas, além de responsável pelo manejo dos animais silvestres provenientes de ação fiscalizatória, também acolhe animais resgatados e aqueles entregues voluntariamente pelos cidadãos, ou seja, quando o cidadão, de forma voluntária, entrega ao órgão competente o espécime que era ilegalmente mantido sob sua guarda (Souza & Vilela, 2013).

O Distrito Federal está situado na região Centro-Oeste do Brasil inserido no bioma Cerrado, sendo rico em biodiversidade, principalmente de aves. O Cerrado é considerado um *hotspot*, ou seja, uma região prioritária para conservação e definida com base na biodiversidade, no endemismo de espécies e pela urgência de preservação em função dos impactos antrópicos (Oliveira *et al.*, 2007). Segundo Marini & Garcia (2005), esse bioma é o terceiro mais rico do país, com 837 espécies de aves, sendo 36 endêmicas (Silva, 1995; Cavalcanti, 1999; Silva & Bates, 2002). Entretanto, o Cerrado também possui 34 táxons de aves ameaçados de extinção, sendo, juntamente com a Caatinga, o terceiro bioma com mais casos (ICMBio, 2018).

Além disso, a região também é bastante atingida pelo tráfico de animais silvestres, onde a sua localização centralizada no país a torna uma importante rota para abastecimento, comercialização e escoamento ilegal de animais silvestres (Destro *et al.*, 2012). As aves, uma das grandes riquezas do bioma Cerrado, infelizmente são um dos grupos mais cobiçados por esse comércio ilegal e são constantemente retiradas da natureza. Identificar as espécies de aves atingidas por essa ilegalidade no Distrito Federal é uma forma de entender o problema na região, fornecendo subsídios para ações de combate e prevenção ao tráfico da avifauna. Neste sentido, este trabalho teve como objetivo fazer uma estimativa do tráfico de aves silvestres no Distrito Federal, com base no levantamento das aves recebidas pelo Cetas/DF.

Material e Métodos

O estudo foi realizado por meio da análise retrospectiva do banco de dados de recebimento de aves silvestres do Cetas/DF entre os anos de 2013 a 2015, localizado na Floresta Nacional de Brasília, cidade satélite de Taguatinga/DF. Para o estudo foram utilizados somente os dados relacionados aos registros de recebimento da avifauna brasileira, com informações de identificação taxonômica, ordem e espécie, considerando apenas os identificados em nível de espécie; o número de espécimes e a procedência. Com relação à procedência, foram utilizados apenas os dados relacionados à posse ilegal de animais silvestres, resultado de ações fiscalizatórias pelos órgãos competentes e de entrega voluntária. Embora os dados não sejam diretamente ligados ao comércio (compra e venda) ilegal de animais silvestres, eles fornecem uma estimativa do tráfico de aves silvestres na região.

A identificação e atualização taxonômica em nível de Ordem, espécie e nome popular das aves, foi realizada com base na Lista Comentada das Aves do Brasil, publicada pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (Piacentini *et al.*, 2015). Para a avaliação de endemismo, foram utilizadas as listas de aves endêmicas do Cerrado em Silva (1995), Cavalcanti (1999) e Silva & Bates (2002). O grau de risco de extinção das espécies, classificado em: VU – Vulnerável (risco alto de extinção na natureza), EN – Em Perigo (risco muito alto de extinção na natureza) e CR – Criticamente em Perigo (risco extremamente alto de extinção na natureza), foi definido com base na lista nacional de aves ameaçadas de extinção, presente no Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção, publicado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) (ICMBio, 2018).

Resultados

No período de 2013 a 2015, foi contabilizado um total de 7.541 aves: destas, 6.240 oriundas de apreensões e 1.301 de entregas voluntárias ao Cetas/DF. O ano com maior destaque em números de registros totais foi o de 2014, 2015 apresentou o menor registro de entregas voluntárias (Figura 1).

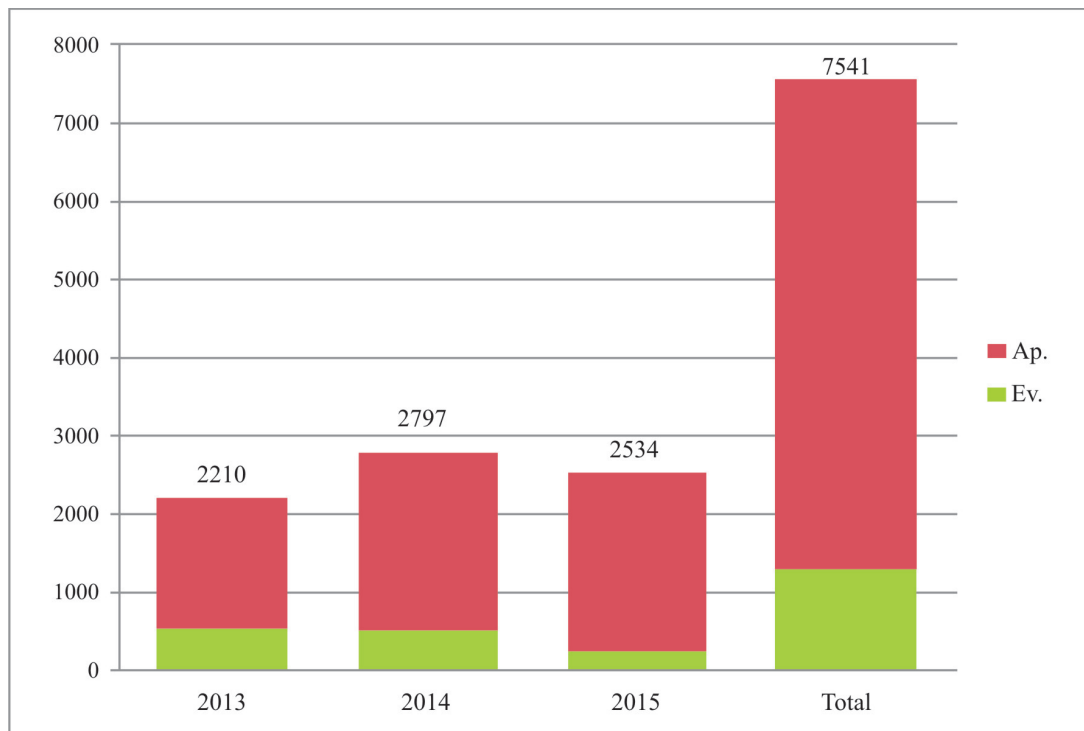


Figura 1 – Totalidade de indivíduos, entre os anos de 2013 a 2015, oriundos de apreensões (Ap.) e entregas voluntárias (Ev.) ao Cetas/DF.

Foram identificadas 22 ordens distintas, 165 espécies, 3 endêmicas do Cerrado e 12 em risco de extinção (Tabela 1). As ordens em destaque foram

Passeriformes e Psittaciformes, cerca de 67,8% e 19,5% das aves registradas, respectivamente (Figura 2).

Tabela 1 – Lista das espécies de aves silvestres com seus respectivos nomes populares, número de indivíduos oriundos de apreensão (Ap.), entrega voluntária (Ev.) e sua totalização (T) conforme registros do Cetas/DF entre os anos de 2013 a 2015. Nomenclatura e ordem taxonômica seguem Piacentini *et al.* (2015).

Táxon	Nome popular	Ap.	Ev.	T
Tinamiformes				
<i>Crypturellus parvirostris</i>	inambu-chororó	1	0	1
<i>Crypturellus undulatus</i>	jaó	1	0	1
<i>Rhynchotus rufescens</i>	perdiz	7	8	15
<i>Taoniscus nanus</i> ^{a EN}	codorninha	1	0	1
Anseriformes				
<i>Amazonetta brasiliensis</i>	ananaí	0	3	3
<i>Cairina moschata</i>	pato-do-mato	2	18	20
<i>Dendrocygna autumnalis</i>	marreca-cabocla	0	16	16
<i>Dendrocygna viduata</i>	irerê	50	8	58
Galliformes				
<i>Crax fasciolata</i> ^{CR 2}	mutum-de-penacho	1	40	41
<i>Pauxi tuberosa</i>	mutum-cavalo	0	2	2
<i>Penelope superciliaris</i> ^{CR 1}	jacupemba	0	25	25



Táxon	Nome popular	Ap.	Ev.	T
Podicipediformes				
<i>Tachybaptus dominicus</i>	mergulhão-pequeno	1	0	1
Pelecaniformes				
<i>Tigrisoma lineatum</i>	socó-boi	2	0	2
<i>Cochlearius cochlearius</i>	arapapá	1	0	1
<i>Ardea alba</i>	garça-branca	7	0	7
<i>Ardea cocoi</i>	garça-moura	10	0	10
<i>Bubulcus ibis</i>	garça-vaqueira	1	0	1
<i>Egretta thula</i>	garça-branca-pequena	4	0	4
<i>Ixobrychus exilis</i>	socói-vermelho	1	0	1
<i>Nycticorax nycticorax</i>	socó-dorminhoco	1	0	1
<i>Syrigma sibilatrix</i>	maria-faceira	2	0	2
<i>Theristicus caudatus</i>	curicaca	3	0	3
Cathartiformes				
<i>Coragyps atratus</i>	urubu	45	2	47
<i>Sarcoramphus papa</i>	urubu-rei	0	2	2
Accipitriformes				
<i>Accipiter striatus</i>	tauató-miúdo	2	0	2
<i>Buteo albonotatus</i>	gavião-urubu	1	0	1
<i>Gampsonyx swainsoni</i>	gaviãozinho	0	1	1
<i>Harpia harpyja</i> ^{vu}	gavião-real	0	8	8
<i>Heterospizias meridionalis</i>	gavião-caboclo	2	0	2
<i>Rupornis magnirostris</i>	gavião-carijó	16	0	16
Gruiformes				
<i>Aramides cajaneus</i>	saracura-três-potes	2	0	2
<i>Porphyrio flavirostris</i>	frango-d'água-pequeno	2	0	2
<i>Porphyrio martinicus</i>	frango-d'água-azul	10	0	10
<i>Porphyriops melanops</i>	galinha-d'água-carijó	5	1	6
Charadriiformes				
<i>Vanellus chilensis</i>	quero-quero	13	3	16
Columbiformes				
<i>Columba livia</i>	pombo-doméstico	18	1	19
<i>Columbina minuta</i>	rolinha-de-asa-canela	0	5	5
<i>Columbina squammata</i>	fogo-apagou	0	5	5
<i>Columbina talpacoti</i>	rolinha	8	3	11
<i>Patagioenas cayennensis</i>	pomba-galega	0	25	25

Táxon	Nome popular	Ap.	Ev.	T
<i>Patagioenas picazuro</i>	asa-branca	35	27	62
<i>Zenaida auriculata</i>	avoante	14	2	16
Cuculiformes				
<i>Crotophaga ani</i>	anu-preto	7	1	8
<i>Guira guira</i>	anu-branco	4	4	8
<i>Piaya cayana</i>	alma-de-gato	0	1	1
Strigiformes				
<i>Asio clamator</i>	coruja-orelhuda	39	2	41
<i>Asio stygius</i>	mocho-diabo	5	7	12
<i>Athene cunicularia</i>	coruja-buraqueira	80	7	87
<i>Glaucidium brasilianum</i>	caburé	20	3	23
<i>Megascops choliba</i>	corujinha-do-mato	0	2	2
<i>Strix virgata</i>	coruja-do-mato	3	0	3
<i>Tyto furcata</i>	suindara	36	2	38
Nyctibiiformes				
<i>Nyctibius griseus</i>	urutau	22	0	22
Caprimulgiformes				
<i>Chordeiles acutipennis</i>	bacurau-de-asa-fina	1	0	1
<i>Nyctidromus albicollis</i>	bacurau	13	0	13
Apodiformes				
<i>Amazilia fimbriata</i>	beija-flor-de-garganta-verde	0	2	2
<i>Chlorostilbon lucidus</i>	besourinho-de-bico-vermelho	1	0	1
<i>Eupetomena macroura</i>	beija-flor-tesoura	9	6	15
Coraciiformes				
<i>Baryphthengus ruficapillus</i>	juruva	2	0	2
<i>Megaceryle torquata</i>	martim-pescador-grande	2	0	2
Galbuliforme				
<i>Nystalus chacuru</i>	joão-bobo	1	0	1
Piciformes				
<i>Colaptes campestris</i>	pica-pau-do-campo	4	3	7
<i>Colaptes melanochloros</i>	pica-pau-verde-barrado	18	0	18
<i>Pteroglossus castanotis</i>	araçari-castanho	5	0	5
<i>Pteroglossus inscriptus</i>	araçari-de-bico-riscado	2	0	2
<i>Ramphastos toco</i>	tucanuçu	26	16	42
Cariamiformes				
<i>Cariama cristata</i>	seriema	13	8	21



Táxon	Nome popular	Ap.	Ev.	T
Falconiformes				
<i>Caracara plancus</i>	carcará	31	2	33
<i>Falco femoralis</i>	falcão-de-coleira	25	0	25
<i>Falco sparverius</i>	quiriquiri	58	1	59
Psittaciformes				
<i>Alipiopsitta xanthops</i> ^a	papagaio-galego	51	15	66
<i>Amazona aestiva</i>	papagaio	196	115	311
<i>Amazona amazonica</i>	curica	29	32	61
<i>Amazona rhodocorytha</i> ^{vu}	chauá	0	2	2
<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i>	arara-azu	0	3	3
<i>Ara ararauna</i>	arara-canindé	44	105	149
<i>Ara chloropterus</i>	arara-vermelha	3	11	14
<i>Ara macão</i>	araracanga	4	17	21
<i>Ara severus</i>	maracanã-guaçu	5	0	5
<i>Aratinga auricapillus</i>	jandaia-de-testa-vermelha	1	3	4
<i>Aratinga jandaya</i>	jandaia	7	9	16
<i>Aratinga nenday</i>	periquito-de-cabeça-preta	0	12	12
<i>Aratinga solstitialis</i> ^{en}	jandaia-amarela	0	18	18
<i>Brotogeris chiriri</i>	periquito-de-encontro-amarelo	199	183	382
<i>Deroptyus accipitrinus</i>	anacã	1	0	1
<i>Diopsittaca nobilis</i>	maracanã-pequena	13	1	14
<i>Eupsittula aurea</i>	periquito-rei	46	79	125
<i>Eupsittula cactorum</i>	periquito-da-caatinga	1	0	1
<i>Forpus xanthopterygius</i>	tuim	22	14	36
<i>Guaruba guarouba</i> ^{vu}	ararajuba	0	8	8
<i>Orthopsittaca manilatus</i>	maracanã-do-buriti	1	29	30
<i>Pionopsitta pileata</i>	cuiú-cuiú	2	5	7
<i>Pionus maximiliani</i>	maitaca	7	6	13
<i>Pionus menstruus</i>	maitaca-de-cabeça-azul	1	1	2
<i>Psittacara leucophthalmus</i>	periquitão	67	59	126
<i>Pyrrhura frontalis</i>	tiriba	0	37	37
Passeriformes				
<i>Arremon flavirostris</i>	tico-tico-de-bico-amarelo	1	0	1
<i>Arremon taciturnus</i>	tico-tico-de-bico-preto	2	0	2
<i>Cacicus cela</i>	xexéu	15	0	15
<i>Cacicus chrysopterus</i>	japuira	4	0	4

Táxon	Nome popular	Ap.	Ev.	T
<i>Chrysomus ruficapillus</i>	garibaldi	5	0	5
<i>Coryphospingus cucullatus</i>	tico-tico-rei	6	0	6
<i>Coryphospingus pileatus</i>	tico-tico-rei-cinza	2	0	2
<i>Cyanocorax cyanopogon</i>	gralha-cancã	5	0	5
<i>Cyanoloxia brissonii</i>	azulão	141	7	148
<i>Cyclarhis gujanensis</i>	pitiguari	5	1	6
<i>Dacnis cayana</i>	saí-azul	8	0	8
<i>Elaenia flavogaster</i>	guaracava-de-barriga-amarela	2	0	2
Passeriformes				
<i>Estrilda astrild</i>	bico-de-lacre	2	0	2
<i>Euphonia violacea</i>	gaturamo	3	0	3
<i>Euphonia chlorotica</i>	fim-fim	17	0	17
<i>Formicarius colma</i>	galinha-do-mato	0	1	1
<i>Furnarius rufus</i>	joão-de-barro	13	4	17
<i>Gnorimopsar chopi</i>	pássaro-preto	329	11	340
<i>Icterus cayanensis</i>	inhapim	12	2	14
<i>Icterus jamacaii</i>	corrupião	61	2	63
<i>Megarynchus pitangua</i>	neinei	10	3	13
<i>Mimus saturninus</i>	sabiá-do-campo	16	3	19
<i>Molothrus bonariensis</i>	chupim	10	0	10
<i>Molothrus oryzivorus</i>	iraúna-grande	5	0	5
<i>Nemosia pileata</i>	saíra-de-chapéu-preto	2	1	3
<i>Paroaria coronata</i>	cardeal	6	1	7
<i>Paroaria dominicana</i>	cardeal-do-nordeste	184	4	188
<i>Pitangus sulphuratus</i>	bem-te-vi	38	8	46
<i>Pseudoleistes guirahuro</i>	chopim-do-brejo	1	0	1
<i>Pseudoseisura cristata</i>	casaca-de-couro	1	0	1
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	andorinha-pequena-de-casa	18	4	22
<i>Rupicola rupicola</i>	galo-da-serra	1	0	1
<i>Saltator grossus</i>	bico-encarnado	3	1	4
<i>Saltator similis</i>	trinca-ferro	381	11	392
<i>Saltatricula atricollis</i> ^a	batuqueiro	4	0	4
<i>Schistochlamys melanopis</i>	sanhaço-de-coleira	1	0	1
<i>Schistochlamys ruficapillus</i>	bico-de-veludo	1	0	1
<i>Sicalis flaveola</i>	canário-da-terra	1650	75	1725
<i>Spinus magellanicus</i>	pintassilgo	93	4	97



Táxon	Nome popular	Ap.	Ev.	T
<i>Spinus yarrellii</i> ^{VU}	pintassilgo-do-nordeste	2	0	2
<i>Sporophila albogularis</i>	golinho	47	0	47
<i>Sporophila angolensis</i>	curió	239	10	249
<i>Sporophila bouvreuil</i>	caboclinho	13	0	13
<i>Sporophila caeruleascens</i>	coleirinho	186	25	211
<i>Sporophila cinnamomea</i>	caboclinho-de-chapéu-cinzento	4	0	4
<i>Sporophila collaris</i>	coleiro-do-brejo	21	0	21
<i>Sporophila frontalis</i> ^{VU}	pixoxó	11	0	11
<i>Sporophila hypoxantha</i> ^{VU}	caboclinho-de-barriga-vermelha	2	0	2
<i>Sporophila leucoptera</i>	chorão	16	0	16
<i>Sporophila lineola</i>	bigodinho	61	0	61
<i>Sporophila maximiliani</i> ^{CR}	bicudo	98	24	122
Passeriformes				
<i>Sporophila melanogaster</i> ^{VU}	caboclinho-de-barriga-preta	2	0	2
<i>Sporophila nigricollis</i>	baiano	686	27	713
<i>Sporophila plumbea</i>	patativa	59	1	60
<i>Tachycineta leucorhoa</i>	andorinha-de-sobre-branco	0	1	1
<i>Tachyphonus rufus</i>	pipira-preta	4	0	4
<i>Tangara palmarum</i>	sanhaço-do-coqueiro	8	5	13
<i>Tangara sayaca</i>	sanhaço-cinzento	10	2	12
<i>Tersina viridis</i>	saí-andorinha	4	0	4
<i>Turdus albicollis</i>	sabiá-coleira	7	0	7
<i>Turdus amaurochalinus</i>	sabiá-poca	30	6	36
<i>Turdus fumigatus</i>	sabiá-da-mata	16	6	22
<i>Turdus hauxwelli</i>	sabiá-bicolor	1	0	1
<i>Turdus lawrencii</i>	caraxué-de-bico-amarelo	1	0	1
<i>Turdus leucomelas</i>	sabiá-branco	11	0	11
<i>Turdus rufiventris</i>	sabiá-laranjeira	210	15	225
<i>Volatinia jacarina</i>	tiziu	15	0	15
<i>Xolmis cinereus</i>	primavera	1	0	1
<i>Zonotrichia capensis</i>	tico-tico	21	0	21
Total		6240	1301	7541

a. Espécie endêmica da região do Cerrado.

VU. Vulnerável – risco alto de extinção na natureza.

EN. Em Perigo – risco muito alto de extinção na natureza.

CR. Criticamente em Perigo – risco extremamente alto de extinção na natureza.

CR 1. Criticamente em Perigo – para subespécie *Penelope supercilialis alagoensis*.

CR 2. Criticamente em Perigo – para subespécie *Crax fasciolata pinima*.

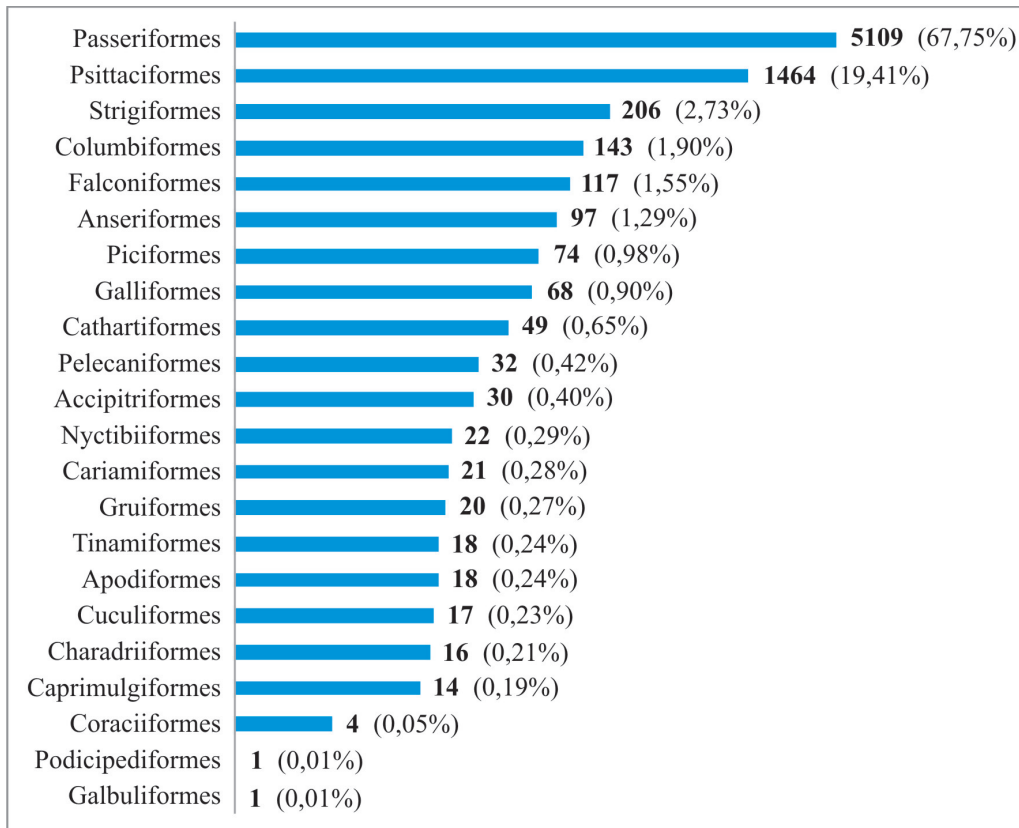


Figura 2 – Totalidade de indivíduos por ordem, entre os anos de 2013 a 2015, oriundos de apreensões e entregas voluntárias ao Cetav/DF.

Discussão

A predominância das ordens Passeriformes e Psittaciformes no tráfico de aves silvestres confirma o resultado obtido em levantamento anterior, realizado nos anos de 1999 e 2000 em todo o Brasil, que apontou o quanto estas ordens sofrem com a prática ilegal (Renctas, 2001). E isso tem contribuído para que citadas ordens ocupem o primeiro e segundo lugar respectivamente em número de espécies ameaçadas de extinção do país (ICMBio, 2018). A mesma situação foi apontada nos estudos realizados por Araujo *et al.* (2010), no estado do Rio Grande do Sul/Brasil; por Mello (2016), em Seropédica/RJ e em estudo retrospectivo com meta-análise de publicações referentes ao tráfico de aves no Brasil realizada por Costa *et al.* (2018), onde a ordem Passeriformes deteve 45,2% do total de espécies traficadas (155 espécies) seguida pela Psittaciformes com 16,6% (57 espécies).

A espécie da ordem Passeriformes com maior número de registros individuais foi a *Sicalis*

flaveola (canário-da-terra), com 1.725 indivíduos, seguida do *Sporophila nigricollis* (baiano), com 713. Juntas correspondem a mais de 47% dos indivíduos registrados. Estas duas espécies são representantes da família Thraupidae, comumente dominante em estudos similares, demonstrando a preferência por essas aves (Souza & Vilela, 2013), justificada, muitas vezes, pelo belo canto e criação simples, devido à alimentação baseada em sementes que diminui os gastos e facilita a higienização das gaiolas (Mello, 2016). Estudos realizados no sudoeste da Bahia (Rocha *et al.*, 2006) e na região metropolitana do Recife/PE (Pereira & Brito, 2005), também demonstraram a preferência na comercialização dessas aves. Segundo Pagano *et al.* (2009), o baixo valor de comercialização das espécies deste gênero favorece e facilita a maior procura de indivíduos desse grupo. Além disso, a espécie *S. flaveola* (canário-da-terra) é comumente usada em rinhas, onde os animais são utilizados como “canários-de-briga”, envolvendo apostas em dinheiro (Sick, 1997), situação confirmada por Pagano *et al.*

(2009) em estudo no estado da Paraíba/Brasil, onde observaram muitos registros de *S. flaveola* oriundos de apreensões relacionadas a rinhas.

A ordem Psittaciformes, apesar de ter sido frequente no estudo, com muitos indivíduos (1.464), representou menos de 13% (21) do total das espécies registradas ocupando a segunda posição. Entretanto, tal ordem vem sendo rotineiramente registrada em estudos relacionados ao tráfico de aves silvestres (Costa *et al.*, 2018). A Renctas (2001) considera esta ordem como a mais vitimada pelo tráfico no mundo, o que se torna extremamente relevante para o Brasil, já que o país é o mais rico em Psittaciformes e com as maiores espécies (Sick, 1997). A ordem também é a segunda em espécies ameaçadas de extinção do país (ICMBio, 2018). Segundo diagnóstico de Lacava *et al.* (1995) a variedade de espécies traficadas da ordem Psittaciformes é ampla, entretanto existe predominância por papagaios das espécies *Amazona vinacea*, *A. brasiliensis*, *A. festiva*, *A. aestiva*, *A. farinosa*, *A. rhodocorytha*, *A. autumnalis* e *A. pretrei* e os periquitos das espécies *Aratinga solstitialis*, *A. auricapillus*, *A. jandaya*, *Eupsittula aurea*, *E. cactorum* e *Guaruba guarouba*, em seguida estão a *Pyrhura frontalis*, *P. leucotis* e *P. cruentata*.

Embora a ordem Psittaciformes não tenha ocupado a primeira posição em número de registros, é considerada pelo Renctas (2011) a mais comercializada ilegalmente no mundo. Franco *et al.* (2012) em pesquisa em Montes Claros/MG também acharam dados semelhantes, tendo a *Brotogeris chiriri* (periquito-de-encontro-amarelo) e *Amazona aestiva* (papagaio-verdadeiro) como as espécies de maior número de registros na ordem. Resultados semelhantes também foram encontrados em estudo feito por Mello (2016), onde a ordem Psittaciformes ficou em segundo lugar em número de espécies e indivíduos registrados, mas não a maioria das aves encontradas no estudo. Segundo estes autores, tal fato também pode ser resultado de um certo descuido por parte da fiscalização, que se habituou à presença dessas espécies nas residências. Outro fato importante é que, geralmente, as aves da ordem Psittaciformes são raramente vistas em feiras, mas comercializadas por meio de encomendas, nas casas dos 'passarinheiros' (Rocha *et al.*, 2006). Segundo Pereira & Brito (2005), a procura por espécies desta ordem comumente se dá nas próprias casas dos vendedores, já que estas aves

despertam muito a atenção das pessoas, sendo arriscado vendê-las em público.

A maior ocorrência de registros da ordem foi da espécie *Brotogeris chiriri* (periquito-de-encontro-amarelo), com 382 indivíduos, seguido da *Amazona aestiva* (papagaio-verdadeiro), com 311. Juntos, representam mais de 47% do total de indivíduos registrados na ordem, o que demonstra a preferência por estas duas espécies da família Psittacidae quando comparadas com as demais espécies encontradas para a ordem no estudo, confirmando dados encontrados por Costa *et al.* (2018). O alto número de indivíduos destas duas espécies no estudo pode ser sugerido pela beleza das mesmas, caracterizada pela exuberância de suas penas e também pela capacidade em repetições de palavras e sons (Franco *et al.*, 2012).

Apesar do destaque, em números totais, das ordens Passeriformes e Psittaciformes, a presença de 22 ordens no estudo se mostra preocupante, uma vez que corresponde a aproximadamente 67% do total de ordens de aves encontradas no Brasil (Piacentini *et al.*, 2015). E isso já havia sido observado anteriormente, em estudo envolvendo dados dos anos de 1999 a 2000, em que foram registradas 19 ordens de aves brasileiras afetadas pelo tráfico de animais silvestres (Renctas, 2001). Logo, o que se observou foi o aumento no número de ordens de aves atingidas pelo tráfico. Esse dado é preocupante, já que evidencia uma maior variedade de aves traficadas com o passar dos anos no país, possivelmente sendo uma consequência da crescente perda de biodiversidade, que força a captura de novas espécies. Corroborando com estes dados, Costa *et al.* (2018), em estudo retrospectivo identificou, 26 ordens, um acréscimo de quatro novas ordens de aves atingidas pelo tráfico no Brasil.

O Cerrado mesmo ocupando o terceiro lugar como o bioma mais rico em espécies endêmicas de aves do país (Marini & Garcia, 2005), a presença destas no estudo foi baixa, apenas 3 exemplares: a *Taoniscus nanus* (codorninha), ordem Tinamiformes; a *Alipiopsitta xanthops* (papagaio-galego), ordem Psittaciformes e *Saltatricula atricollis* (batuqueiro), ordem Passeriformes. Tal fato pode ser explicado pela raridade das espécies do bioma. Segundo Marini & Garcia (2005), este ocupa o segundo lugar em espécies endêmicas ameaçadas de extinção. E é considerado pelo ICMBio (2018) o terceiro

bioma com o maior número de táxons de aves ameaçados. A raridade de espécies representa um empecilho para o tráfico, dificultando a captura das aves, o que pode levar à importação de espécies de regiões vizinhas. Pagano *et al.* (2009) em estudo na Paraíba, Brasil, também observou uma significativa presença de espécies típicas de outras regiões do país. Outro fato importante é que a localização do Distrito Federal torna-o importante rota terrestre de animais silvestres traficados (Destro *et al.*, 2012), o que pode ter contribuído também para a presença de espécies não endêmicas do Cerrado.

Ao todo, foram encontradas 12 espécies de aves em risco de extinção e desta apenas 1 endêmica ameaçada, a *Taoniscus nanus* (codorninha), distribuídas em cinco ordens diferentes, correspondendo a aproximadamente a 7,2% do total de espécies encontradas. Assim sendo, embora, o número de espécies de aves ameaçadas de extinção esteja cada vez maior e a presença destas na natureza esteja diminuindo drasticamente, a procura pelas mesmas ainda é intensa (Costa *et al.*, 2018). Todavia, o bioma Cerrado abriga 34 espécies ameaçadas de extinção sendo 7 endêmicas (ICMBio, 2018), logo sugere-se que para o Distrito Federal a baixa presença destas espécies no estudo é resultado do declínio populacional das mesmas, gerado pela perda de habitat, caça e o próprio tráfico. Somado a isto, deve se levar em conta que os dados analisados no estudo, em especial os relativos às apreensões geralmente não são suficientes para demonstrar a realidade do tráfico na região, como também sugerido por Araujo *et al.* (2010), em estudo no Rio Grande do Sul, Brasil, em que somente 10 espécies ameaçadas tiveram registro. Apesar do baixo número de espécies de aves em risco de extinção no estudo, os dados demonstram que o tráfico continua contribuindo para sua diminuição na natureza.

No presente estudo dos 12 exemplares ameaçados, 3 estão Criticamente em Perigo (CR), 2 Em Perigo (EN) e 7 em estado Vulnerável (VU). As três espécies CR são: *Sporophila maximiliani* (bicudo), Passeriformes; *Crax fasciolata* (mutum-de-penacho) e *Penelope superciliaris* (jacupemba), ambas Galiformes. A espécie *S. maximiliani* foi, dentre as ameaçadas, a dominante em número de indivíduos registrados. Embora esta seja considerada extinta na maior parte dos locais de sua ocorrência, sendo bastante rara no Brasil,

diferente da grande população aprisionada (ICMBio, 2018). Possivelmente, os indivíduos registrados desta espécie nasceram ou estavam sendo mantidos em cativeiro, como também proposto por Souza & Vilela (2013) em estudo anterior em Belo Horizonte, Minas Gerais, onde foram registrados 495 indivíduos de *S. maximilian*. O mesmo pode ter ocorrido para as espécies *C. fasciolata* e *P. superciliaris*, uma vez que todos os exemplares registrados foram oriundos de entregas voluntárias. Além disso, estas espécies são normalmente destinadas à caça para alimentação, o que dificulta a fiscalização e controle, sendo raros seus registros em estudos (Costa *et al.*, 2018). Outro ponto ressaltado por Costa *et al.* (2018) é a dificuldade de identificação das subespécies, o que interfere diretamente na verificação correta de quais estão ameaçadas. O fato também foi observado neste estudo, já que não houve identificação das subespécies de *C. fasciolata* e *P. superciliaris*. Por isso, para evitar à perda de informações relevantes, as duas espécies foram consideradas como criticamente em perigo (CR).

As duas espécies que compõem o presente estudo e são consideradas EN são: *Taoniscus nanus* (codorninha), Tinamiformes, e *Aratinga solstitialis* (jandaia-amarela), Psittaciformes. A espécie *T. nanus* é endêmica ameaçada do Cerrado e sua população é praticamente restrita a unidades de conservação (ICMBio, 2018). Segundo o ICMBio (2018), a espécie é ameaçada principalmente pela perda e transformação de habitat, destacando-se a intensa urbanização no Distrito Federal. Já a *Aratinga solstitialis* (jandaia-amarela), é comumente observada em estudos relacionados no país (Costa *et al.*, 2018). A espécie é considerada extinta na maioria das localidades de ocorrência originais e a alta demanda desta para o tráfico nos últimos 20 a 30 anos é a principal ameaça (ICMBio, 2018).

As sete espécies registradas em estado VU estão distribuídas em três ordens diferentes: Passeriformes (4), Psittaciformes (2) e Accipitriformes (1), com destaque para as duas primeiras ordens com 17 e 12 indivíduos registrados respectivamente. Na ordem Passeriformes, destacou-se a espécie *Sporophila frontalis* (pixoxó, 11). Avalia-se que a população brasileira de *S. frontalis* seja menor que 10.000 indivíduos maduros e que o declínio populacional, constante nos últimos 15 anos,

seja resultado da grande pressão de captura (ICMBio, 2018). Na Psittaciformes, o destaque foi a *Guaruba guarouba* (ararajuba, 8), que é endêmica da Amazônia brasileira. Segundo o ICMBio (2018), a principal ameaça à espécie na natureza é o desmatamento contínuo na região, embora a captura para o tráfico também seja relevante. O registro da espécie nesse estudo pode ser também resultado da posição estratégica do Distrito Federal, como rota de comercialização do tráfico de animais silvestres do Brasil (Destro *et al.*, 2012). Por fim, na ordem Accipitriformes somente a espécie *Harpia harpyja* (gavião-real, 8) foi considerada como vulnerável, sendo comumente registrada na Amazônia, embora existam raros registros para o bioma Cerrado (ICMBio, 2018). A perda de *habitat* pelo desmatamento é a principal ameaça à sobrevivência da espécie, embora a caça e a captura para o tráfico, em especial o tráfico internacional de animais, sejam também grandes ameaças (ICMBio, 2018). A presença desta espécie nesse presente trabalho é possivelmente também um caso de importação de regiões vizinhas, devido à raridade da mesma no bioma Cerrado.

Conclusão

O estudo embora não apresente dados diretamente relacionados ao comércio (compra e venda) ilegal de animais silvestres, fornece uma estimativa que evidencia a problemática do tráfico de aves silvestres no Distrito Federal e no Brasil. Este problema, de cunho social e cultural, ainda é uma triste e persistente realidade do país mesmo diante das ações governamentais de proteção à fauna. A grande quantidade de ordens de aves e a presença de espécies ameaçadas de extinção no estudo salienta a magnitude que esse delito tem atingindo na região. Ressalta-se que os números apresentados neste estudo representam vidas, e que muitas outras foram perdidas pelo caminho. Além disso, há que se considerar o constante sofrimento dos animais capturados, muitos adoentados sem chance de recuperação. Mesmo os animais resgatados do tráfico, em grande parte vêm a óbito antes do retorno à natureza.

Confirmou-se a importância das ordens Psittaciformes e Passeriformes já observadas anteriormente em estudos semelhantes. A espécie *Sicalis flaveola* (canário-da-terra) foi a mais afetada pelo tráfico na região. Ressalta-se o impacto

do tráfico às espécies ameaçadas, especialmente à *Sporophila maximiliani* (bicudo), *Aratinga solstitialis* (jandaia-amarela), *Sporophila frontalis* (pixoxó) e *Guaruba guarouba* (ararajuba). De modo geral, aconselham-se ações para redução do impacto desta ilegalidade sobre as espécies de aves identificadas neste estudo, especialmente e de forma prioritária para as ameaçadas de extinção.

Observa-se que apenas três espécies de aves se mostraram endêmicas do bioma Cerrado, evidenciando a raridade das espécies nessa área. E isso favorece a importação de aves de outras regiões. A presença destas espécies não restritas e daquelas de outros biomas abastecendo o tráfico da região, coloca o Distrito Federal como importante rota do tráfico de animais silvestres do país, corroborando com estudos anteriores.

Além das informações levantadas neste estudo servirem para a disseminação de dados a respeito do tráfico de aves silvestres no Distrito Federal, espera-se que auxiliem na tomada de decisões de combate ao tráfico de animais, ajudando na proteção e conservação da avifauna brasileira. Por fim, sugere-se o incremento de ações de educação ambiental, sobretudo junto à população da região, motivando reflexões para valorização da vida dos animais e a conscientização a respeito do crime ambiental de retirada e comércio de animais silvestres da fauna brasileira.

Agradecimentos

Ao Serviço de Informação ao Cidadão do IBAMA (SIC/IBAMA) e à Superintendência Estadual do IBAMA no Distrito Federal – Brasil, pelo fornecimento das informações e autorização de seu uso e publicação, segundo ofícios de números 2001.007003/2016-65 SIC/IBAMA e 02001.009459/2016-60 SIC/IBAMA.

Referências

- Araujo ACB, *et al.* Diagnóstico sobre a avifauna apreendida e entregue espontaneamente na região central do Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista Brasileira de Biociências*, 8(3): 279-284, 2010.
- Brasil. 1967. Lei nº 5.197, de 03 de janeiro de 1967. *Diário Oficial da União*. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5197compilado.htm>. Acesso em: 02/12/2020.

- Cavalcanti RB. Bird species richness and conservation in the cerrado region of central Brazil. *Studies in Avian Biology*, (19): 244-249, 1999.
- Costa FJV, Ribeiro RE, Souza CA & Navarro RD. Espécies de Aves Traficadas no Brasil: Uma Meta-Análise com Ênfase nas Espécies Ameaçadas. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, 7(2): 324-346, 2018.
- Destro GFG, Pimentel TL, Sabaini RM, Borges RC & Barreto R. 2012. Efforts to Combat Wild Animals Trafficking in Brazil, p. 421-436. In: Lameed GA (org.). *Biodiversity Enrichment in a Diverse World*. IntechOpen. 508p.
- Efe MA, *et al.* Diretrizes da Sociedade Brasileira de Ornitologia para a destinação de aves silvestres provenientes do tráfico e cativeiro. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 14(1): 67-72, 2006.
- Franco MR, *et al.* Animais silvestres apreendidos no período de 2002 a 2007 na macrorregião de Montes Claros, Minas Gerais. *Enciclopédia Biosfera*, 8(14): 1007-1018, 2012.
- Garcia FI & Marini MA. Estudo comparativo entre as listas global, nacional e estaduais de aves ameaçadas no Brasil. *Natureza e Conservação*, 4(2): 24-49, 2006.
- Gonçalves BP & Wasko AP. Genética da conservação aplicada ao tráfico ilegal de aves. *Saúde, Ética e Justiça*, 18: 79-83, 2013.
- Hernandez TFE & Carvalho SM. O tráfico de animais silvestres no Estado do Paraná. *Acta Scientiarum Human and Social Sciences*, 28(2): 257-266, 2006.
- ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). 2018. Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume III – Aves. In: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (org.). Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção. ICMBio. 709p.
- Lacava U, Rocha FM & Saracura V (orgs.). 1995. Tráfico de Animais Silvestres no Brasil: Um Diagnóstico Preliminar. Brasília: WWF (World Wide Fund for Nature) Brasil. 54 p.
- Marini MA & Garcia FI. Conservação de aves no Brasil. *Megadiversidade*, 1(1): 95-102, 2005.
- Mello ER. 2016. Aves recebidas no Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS) de Seropédica, Rio de Janeiro, 2008 a 2014: diagnóstico e análise. Dissertação (Mestrado em Ciências). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 77p.
- Oliveira G, Barreto BS, Pinto MP, Filho JAFD & Blamires D. Padrões espaciais de diversidade da Família Emberizidae (Aves: Passeriformes) e seleção de áreas prioritárias para conservação no Cerrado. *Lundiana: International Journal of Biodiversity*, 8(2): 97-106, 2007.
- Pagano ISA *et al.* Aves depositadas no Centro de Triagem de Animais Silvestres do IBAMA na Paraíba: uma amostra do tráfico de aves silvestres no estado. *Ornithologia*, 3(2): 132-144, 2009.
- Pereira GAM & Brito T. Diversidade de aves silvestres brasileiras comercializadas nas feiras livres da região metropolitana do Recife, Pernambuco. *Atualidades Ornitológicas*, (126): 14, 2005.
- Piacentini VQ *et al.* Lista comentada das aves do Brasil pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. *Revista Brasileira de Ornithologia*, 23(2): 91-298, 2015.
- Prado LA. 2012. A perda da biodiversidade do cerrado goiano mediante o tráfico ilegal de fauna silvestre. In: *Anais do III Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental*.
- RENCTAS (Rede Nacional Contra o Tráfico de Animais Silvestres). 1º Relatório Nacional sobre o tráfico de fauna silvestre. <https://www.renctas.org.br/wp-content/uploads/2014/02/REL_RENCTAS_pt_final.pdf>. Acesso em: 02/12/20.
- Rocha MSP *et al.* Aspectos da comercialização ilegal de aves nas feiras livres de Campina Grande, Paraíba, Brasil. *Revista de Biologia e Ciências da Terra*, 6(2): 204-221, 2006.
- Sick H. 1997. *Ornitologia Brasileira: uma introdução*. Edição revista e ampliada por José Fernando Pacheco. Editora Nova Fronteira S.A. 912p.
- Silva JMC. Birds of the Cerrado Region, South America. *Steenstrupia*, 21: 69-92, 1995.
- Silva JMC & Bates JM. Biogeographic patterns and conservation in South American cerrado: a tropical savana hotspot. *BioScience*, 52(3): 225-234, 2002.
- Souza TO & Vilela DAR. Espécies ameaçadas de extinção vítimas do tráfico e criação ilegal de animais silvestres. *Atualidades Ornitológicas*: (176): 64, 2013.



Biodiversidade Brasileira – BioBrasil.

Fluxo Contínuo

n. 1, 2021

<http://www.icmbio.gov.br/revistaeletronica/index.php/BioBR>

Biodiversidade Brasileira é uma publicação eletrônica científica do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) que tem como objetivo fomentar a discussão e a disseminação de experiências em conservação e manejo, com foco em unidades de conservação e espécies ameaçadas.

ISSN: 2236-2886